

# Marcílio nega *choque* mas admite ajustes

O ministro da economia, Marcílio Marques Moreira, anunciou ontem, durante a reunião do Conselho de Política Fazendária (Confaz), que o Banco Central vai acionar nas próximas semanas instrumentos que sinalizarão um aperto de política monetária, além de continuar mantendo as taxas de juros em níveis elevados. Além disso, Marcílio informou que o governo irá apertar os cintos na área da política fiscal. "O momento atual é difícil e delicado", disse o ministro ao anunciar sua decisão de acabar com o que vem sendo interpretado como "frouxidão". Márcilio aproveitou a reunião dos secretários de Fazenda estaduais para dar um duro recado sobre o futuro da economia e rebater as críticas que vem recebendo.

Não se trata de um choque, deixou claro o ministro. "O choque está afastado porque acaba minando a médio e longo prazos os próprios objetivos de tranquilidade, de restauração do crédito público e da confiança no trabalho, cooperação e entendimentos entre todos". Segundo ele, o governo irá tomar me-

das que sejam compatíveis com o objetivo final que é a economia de mercado e restauração do crédito público.

Marcílio disse que não partilha das interpretações em tom catastrófico sobre a economia brasileira. Ele reconheceu a existência de um Rепique inflacionário nas últimas semanas e justificou a decisão de sua equipe para o amplo descongelamento feito sobre os preços: "Se ele (o descongelamento) não ocorresse, criaria uma espécie de panela de pressão que, uma vez aberta, produziria uma grande explosão". Na área de preços e tarifas públicas, por exemplo, Marcílio disse que a manutenção do congelamento por mais tempo acabaria por minar as políticas fiscais dos governos federal, estaduais e municipais que seriam obrigados a buscar recursos em outras fontes para cobrir déficits.

Ao comemorar três meses no ministério, Marcílio fez um amplo relato sobre sua administração. Citou a solução de problemas entre fornecedores e indústrias e indústrias e comércio, que estavam ocor-

rendo, principalmente, na área da indústria automobilística e da linha branca (fogões, geladeiras e máquinas de lavar roupa, por exemplo). Um outro caso lembrado pelo ministro, em que a resposta do governo não foi tão rápida quanto nas relações empresariais na indústria automobilística, foi a questão de recursos do governo para a agricultura.

Na área dos governos estaduais — a platéia que ouviu o discurso de Marcílio —, o ministro descartou a "percepção errada" de que o governo estaria "soltando as burras". Ou seja, que o governo estaria exigindo ajustes bastante rígidos. O ministro referiu-se, em meias palavras, a sua intenção de mudar os critérios de partilha dos recursos dos Fundos de Participações dos Estados e Municípios. "Precisamos superar algumas barreiras que foram introduzidas não só pela Constituição, mas que nela foram sedimentadas por algumas posturas patrimonialistas que remontam à Colônia, muitas vezes ao modo senhorial em que o próprio País foi fundado e colonizado".

